

Editorial de 19 de Agosto de 2019

Caros amigos (vamos abandonar os "internautas" que não são muito quentes!) Passaram seis anos desde o meu último editorial (14 de Outubro de 2013). Em 2014 abandonei Paris e juntei-me à minha Occitânia (mesmo que Aveyron não seja Ariège encontrei em Rodez um refúgio de paz e empatia de que eu precisava, e ainda preciso muito).

Em Junho de 2018 passei a marca dos 80 anos de idade, com a sensação de ser uma pessoa privilegiada desde que envelheço bem (não toco na madeira!), em boas condições relacionais e climáticas (excepto na fase recente da onda de calor)!

Continuei a escrever, ensinar e publicar até 2018 em relação às mesmas instituições e colegas que em 2013 (ver textos de 2013 a 2018). Para as instituições: a Universidade de Aix-Marseille e a Universidade Católica de Angers. Para os colegas: Anton, Desrumaux, Mendes, Roudes, Antunes.

Quando fiz 70 anos (ver editoriais), disse que era normal para mim trabalhar na gerontologia social, no envelhecimento e na deficiência. Por conseguinte, tenho continuado a reflectir e a trocar sobre o sofrimento, sobre os efeitos do trauma, sobre o assédio na vida (na escola, no trabalho, no EHPAD, etc.).

Toda a minha vida (e desde a infância) amei imagens sensoriais ou mentais, fantasias, desejos e

projectos, representações sociais (Serge Moscovici), as artes (realistas ou surrealistas) e as suas ligações com culturas e religiões. A questão da relação entre identidade e projectos percorre obviamente todos estes temas. Tenho sido por vezes criticado por abraçar demasiado (com o perigo de dispersão e "não abraçar bem"). Mas, tal como Albert Camus, gostaria de abraçar tudo (a fim de compreender o todo) e resisto ao abraço sufocante e sectário da visão "especialista". No entanto, sou considerado um especialista em "identidade", mas respondo com a noção paradoxal de **identificação**. A permanência (a identidade "lógica") é uma ilusão, tal como a mudança que não está associada à aspiração de uma nova permanência, mais justa, mais livre e mais fraterna! Propus que se chamasse "identificação" o vai e vem entre a identidade e o projecto de mudança (individual ou colectivo). No último capítulo publicado (nº 332: "O sofrimento, o trauma, o enfrentamento e a resiliência na vida") evoco o mito da ilha Vanuatu: "**a árvore e o pântano**" analisado por Joel Demaison na sua tese, 1985) :

Cada ser humano está dividido entre duas necessidades contraditórias e, no entanto, importantes:

- a necessidade da piroga, ou seja, de movimento, de viajar, de *se afastar de si próprio, da sua comunidade*;
- a necessidade da árvore, ou seja, o enraizamento da identidade, *o apego à própria comunidade*.

Os homens vagueiam constantemente entre estas duas necessidades, às vezes cedendo a uma, às vezes à outra... *até que um dia compreendem que é com a árvore que a canoa é feita.* (Eu acrescentaria que a canoa também pode viajar para salvar a árvore.) "A árvore é uma metáfora para o homem, o homem que se ergue no seu 'lugar' mergulha com ela no solo sagrado de profundidade. A profundidade tem precedência sobre a amplitude. O homem das árvores vive apenas através do grupo-dugout. Desde a 'viagem fundadora' de chegada à ilha, a sociedade melanésia 'afirma-se tanto como uma sociedade de raízes como de viagens'". (1986, p. 518).

A mesma metáfora pode ser encontrada em Michel Serres, um camponês da planície do Garonne (como o seu pai) mas também um marinheiro. Mas tanto o agricultor como o marinheiro só podem sair pelo topo. "Gliding towards the vertical remains the only possible direction" (1983, p. 28-29).

Esta metáfora também se aplica bem ao conceito que propus para chamar 'identificação', a construção dinâmica da identidade entre a ligação primária e o auto-projecto (articulada a projectos colectivos).

Provavelmente deveria escrever sobre a complexa relação entre identidade e projecto!

Se em 2018 parei os meus cursos e conferências, continuo a ler, reflectir, escrever sobre este ou aquele tema da psicologia social (do desenvolvimento, da

saúde ou do trabalho...).

Comecei também (e por diversão!) alguns trabalhos e leituras pessoais sobre as ligações entre "**Psicologia, arte e história**" (ver a minha pasta em **pinterest**).

Aos 80 anos de idade é uma loucura? Talvez seja! Mas esta loucura faz-me feliz! Sempre fui apaixonado pela arte em geral, pintura, escultura e mosaicos em particular. Eu poderia ter desenvolvido as competências que adquiri no liceu nestes campos, mas a minha relativa cegueira cromática manteve-me afastado deste caminho! A minha paixão pelas imagens leva-me agora a estudar de perto as **miniaturas** (pequenas pinturas) que ilustram manuscritos da Idade Média ao Renascimento, que tiveram um papel importante nas mudanças associadas à Renascença: Os 'Arturianos' (Guiron, Cavaleiros da Távola Redonda), o Romano da Rosa (A Arte do Amor), as obras de John Boccaccio (Dificuldades e Risos na Vida: Decameron, Homens Ilustres, Mulheres Ilustres), as primeiras 'enciclopédias' (Isidore de Sevilha, Bartolomeu, o inglês..e a necessidade de abraçar demasiado!).

Um novo mundo para mim, com os seus especialistas e os seus fãs! Claro que o convido a ver as miniaturas nas minhas páginas da rede social. Se eu publicar neste campo, será na Internet .

Gostaria de vos dar um exemplo engraçado associado a uma história contada por John Boccaccio (Decameron, 5ª edição

Journée/5^o nouvelle intitulée " Deux pour une ") e relatado num manuscrito de 1414 (BnF 5070). Jeannot e Minguin estão apaixonados pela mesma jovem rapariga. Ambos tentam raptá-la, em vão. Mas Jeannot fica a saber que é seu irmão. Menguin tem muita sorte e casa com a rapariga.

Vamos ampliar a seguinte miniatura (197v): o homem da direita pisou na terra, enquanto o homem da esquerda não pisou, apesar da presença de dois pacotes de material claramente desenhados!



Podemos portanto dizer que a superstição positiva de que "andar na terra é boa sorte" estava perfeitamente presente no século XV. (matéria) é um sinal de boa sorte" estava perfeitamente presente no século XV

!

O homem à direita é Minguin, o sortudo que tem matéria debaixo dos seus dois pés!

Não sei se os especialistas notaram este detalhe, mas parece-me importante observar este tipo de facto, que é um sinal de uma superstição secular. As pessoas que são competentes em superstição disseram-me que hoje as "coisas" são mais precisas: só se tem sorte se for o pé esquerdo que pisou o referido material e que para manter a minha "boa idade" tenho de "tocar na madeira redonda"! Sempre a aprender a compreender melhor .



Não vou esperar 6 anos para escrever o próximo editorial . (Hm!). Pierre Tap

